

100 Geração de Woodstock resiste em Brasília

* 2 JUN 1991

CORREIO BRAZILIENSE JUNIOR BARON

Hélio Franco

Eles eram guerreiros de um exército nunca visto antes. Ao invés de uniformes, calças jeans e roupas coloridas; no lugar de capacetes, cabelos compridos; em vez de metralhadoras, guitarras; e como bombas, flores. Eram os hippies, movimento surgido espontaneamente nos idos dos anos 60, que conquistou toda a juventude daquela década, promovendo profundas alterações nas relações sociais. Com a estréia do filme "The Doors" nos cinemas da cidade, muitos brasilienses estão nostálgicos daqueles tempos heróicos e inocentes, em que acreditava-se que a flor iria vencer a bomba, e a paz e o amor triunfariam.

O "sonho" pode ter acabado, mas a vida continua, e hoje, se eles são uma minoria numa sociedade de "tribos" diferentes a cada geração, souberam manter uma série de valores e atitudes que vêm sendo cultivadas desde seus vinte anos. A Feira de Artesanato da Torre de TV, por exemplo, ainda é o grande ponto de encontro dos hippies remanescentes, que aprenderam a sobreviver das peças de artesanato que vendiam. Mas há também os que se tornaram empresários, levando para a prática capitalista suas contribuições culturais, como a alimentação natural, a yoga e as filosofias orientais com seus incensos e mantras.

Eliseu José de Sena, o "Jô", é um dos hippies mais tradicionais da Feira da Torre. Todo final de semana é possível encontrá-lo no local, vendendo suas pulseiras, colares e uma infinidade de outras peças. Para ele, "o movimento hippie surgiu por causa do sistema. A rapaziada saía de casa e ia para a estrada atrás do que papai e mamãe não podia ensinar". Hoje, com 39 anos e três filhos, ele tem como saldo toda uma bagagem de sua vida "estradeira" que será passada a seus filhos. "Não existe mais hippie", proclama, "eles agora são artesãos, com suas famílias e o sentimento de paz e amor, que não morre".

Mudança — Jô diz que quem cai na estrada hoje em dia tem outro sentimento, e quer mais é badernar, admitindo que não teria coragem de levar sua mulher e filhos para uma viagem à base de carona. "Agora tem que ser de ônibus mesmo", afirma, saudoso do tempo em que a estrada Brasília-Belo Horizonte vivia cheia de mochileiros, que com o tempo foram conquistando o respeito dos caminhoneiros, da Polícia Rodoviária e das famílias que lhes davam pouso. "Agora só tem 'micróbio', aquele cara que diz que é hippie mas não produz nada, não alimenta bons sentimentos e se bobear, ainda te rouba", revela, triste.

Outro remanescente da fase de ouro do movimento é o argentino Luis Henrique Sclocco, radicado há vários anos em Brasília. Hoje, depois de passar pelos festivais de Monterey, de Woodstock, de viajar dois anos pelos Estados Unidos num ônibus comprado comuni-

tariamente e dar a volta ao mundo num barco com um grupo de amigos, ele vive uma vida tranquila com mulher e seis filhos. Henrique é outro que não alimenta falsas ilusões com relação ao tempo em que se vivia comunitariamente, e todos dividiam o que tinham. "O movimento virou moda e foi absorvido pela sociedade de consumo", acredita. "Eles usaram aquela filosofia do elimine-os ou una-se a eles".

Tática — Para driblar essa estratégia do sistema, Henrique diz que ele e muitos outros utilizaram a tática de viver de forma mais independente possível, produzindo o máximo que se puder. "Então nós compramos legumes e frutas que são produzidos sem agrotóxicos, de pequenos produtores, assamos nossos pães e comemos comida natural, comprada em lojas de pessoas que têm um real envolvimento com essa opção". Todos os seis filhos de Henrique com sua mulher, Simone, nasceram em casa, e os remédios que eles tomam são chás de ervas medicinais, "mas é muito difícil eles ficarem doentes", conta Simone.

Essa prática de sobrevivência, prevista no início da década de 70 como uma forma de manter o "sonho" vivo, desembocou nos ditos "movimentos alternativos", que seriam uma resposta ao sistema que quis transformar a contracultural num produto embalável e vendável, falácia que convenceu muitos "hippies de boutique". "Hoje em dia todo mundo é hippie, e quer usar aquele colarzinho com o símbolo de paz e amor", fala Jô. "Antes a gente tirava o símbolo da Volkswagen dos Fuscas, cortava as pontas do W e pendurava no pescoço, mas sabia o que aquilo realmente significava".

Até o Rock, maior instrumento de expressão dos hippies, foi "cooptado" pelo sistema, transformando-se de canal de liberação em instrumento de alienação. "O Joe Cocker do Rock in Rio Dois não é o mesmo de Woodstock", filosofa Henrique, numa alusão à inesquecível interpretação da música "With e Little Help From my Friends", dos Beatles, executada por Cocker no lendário festival. "Hoje ele é uma pálida lembrança do que era. Mudou ele, mudou o palco, mudou o rock e mudou a platéia", critica o argentino. "É realmente outro circo".

Apesar dos males causados pela manipulação pelo sistema, há frutos reconhecidamente positivos daquela movimentação. "Aquele foi um tempo de regeneração, e a gente se transformou em outro ser", conta Henrique. "Agora, o mais legítimo é criar uma família e viver de um jeito paralelo, não sendo o que eles querem, mas o que a gente quer", afirmou o argentino, para quem a preocupação com a ecologia, com a alimentação, os costumes mais liberais, a busca pela espiritualidade e a tolerância são as maiores lições deixadas pelos loucos hippies.



Uma família de artesãos sobrevive graças ao fabrico e venda de peças